



A IMPORTÂNCIA DA MÍSTICA NOS ESPAÇOS FORMATIVOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Joana Musse Monteiro Ferri¹
Elyziane dos Santos Ferraz²
Alexandra Resende Campos³

RESUMO

A mística, originária no contexto dos acampamentos e nas ocupações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), é uma força propulsora para que homens, mulheres e crianças encontrem força e acolhimento para reivindicar seus direitos e enfrentar os desafios existentes na luta pelo direito à Terra. Dado o seu caráter coletivo, artístico e dinâmico, ela constrói e reconstrói histórias, além de valorizar as identidades e culturas dos povos do campo. É por todas essas características que a mística também se encontra presente nas experiências educativas da Educação do Campo. Considerando estes aspectos, o objetivo desta pesquisa, desenvolvida no Programa de Educação Tutorial da Universidade Federal de Ouro-Preto (PET Pedagogia/UFOP), é compreender a importância da mística como um recurso pedagógico no contexto de instituições educativas que atuam dentro dos fundamentos teóricos e práticos da Educação do Campo, como as Escolas Famílias Agrícolas (EFA's) e as Licenciaturas em Educação do Campo. Trata-se de uma pesquisa em andamento. Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico de estudos que abordam a mística no contexto do MST e da Educação do Campo, para análise dos principais apontamentos e possíveis relações da mística como um recurso pedagógico. Posteriormente serão realizadas entrevistas semiestruturadas com três estudantes egressos das EFA's e três estudantes egressos das licenciaturas em Educação do Campo para compreender a presença e a importância da mística em seus processos formativos. Espera-se com os resultados dessa pesquisa valorizar e dar visibilidade social as práticas pedagógicas da Educação do Campo, rompendo com uma visão hegemônica e tradicional de Educação.

Palavras-chave: Educação do Campo; Mística; Recurso Pedagógico.

INTRODUÇÃO

A mística na militância é como a força de germinação que existe dentro das sementes. Assim como saem da dormência as gêmulas das sementes, despertam os militantes para a história como sujeitos conscientes de suas funções sociais. (Ademar Bogo)

A partir das vivências de uma das autoras deste artigo⁴, atuando como docente no curso de Licenciatura em Educação do Campo (Ledoc) da Universidade Federal do

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, elyziane.ferraz@aluno.ufop.edu.br;

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, joana.ferri@aluno.ufop.edu.br;

³Professora Orientadora: Doutora em Educação – Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, alexandra.campos@ufop.edu.br



Maranhão (UFMA) foi perceptível como o momento da mística apresentava um potencial educativo de grande importância para o processo formativo dos/as estudantes.

Originária do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra – MST, a mística, aos poucos, deixou de estar vinculada apenas ao sagrado, ao divino e a espiritualidade. A mística, no contexto dos acampamentos e assentamentos do MST, ultrapassou a visão espiritual e ganhou outros sentidos e contornos. Passou a ser um momento de compartilhar - através de várias linguagens artísticas, poéticas, corporais, carregadas de símbolos e simbologias – os ideais de luta, de ler a realidade social, política, econômica, de partilhar saberes, de alimentar a força propulsora dos trabalhadores e trabalhadoras na luta por reforma agrária.

Desde a década de 1980 a mística se faz presente nos diferentes espaços formativos, de luta e de resistência do MST, sendo incorporada no cotidiano dos Sem Terrinhas, das famílias Sem Terra, dos diversos setores do movimento, nos encontros, reuniões, festas, marchas, em suas escolas e tantos outros espaços e momentos.

Por toda sua potencialidade formativa, emancipatória, artística e dialógica, a mística foi incorporada e se faz presente nos diversos espaços formativos da Educação do Campo: nas escolas vinculadas ao MST; nas Escolas Famílias Agrícolas (EFA's); nos Centros Familiares de Formação Por Alternância (CEFFA's), nas experiências educativas do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera); nas licenciaturas e pós-graduações em Educação do Campo, dentre outros.

Considerando toda proposta educativa da Educação do Campo, como uma quebra de paradigma de uma educação tradicional e hegemônica, o Programa de Educação Tutorial – PET Pedagogia, da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), está desenvolvendo uma pesquisa cujo objetivo é compreender a importância da mística como um recurso pedagógico no contexto de instituições educativas que atuam dentro dos fundamentos teóricos e práticos da Educação do Campo. A história de luta pela Reforma Agrária no Brasil e todos os ideais do MST sempre estiveram vinculados ao direito por uma Educação emancipatória, dialógica e libertadora. Uma Educação do Campo que propicie o fortalecimento das identidades dos povos do campo, articulada aos seus saberes, conhecimentos e suas demandas. No processo de efetivação e na história do Movimento Nacional por uma Educação do Campo a mística sempre se fez presente, revelando seu

⁴ Alexandra Resende Campos



potencial criativo, aguçando as subjetividades e fortalecendo as culturas de milhares de estudantes, educadores (as) e militantes.

Ao considerar todos estes aspectos, essa pesquisa, ainda em desenvolvimento, vem realizando entrevistas com estudantes egressos(as) de Escolas Famílias Agrícolas e de cursos de licenciatura em Educação do Campo, abordando questões que nos permitam compreender o lugar e a importância da mística na trajetória formativa de cada um.

METODOLOGIA

Para realização dessa pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico de estudos e pesquisas que abordam a relação entre a Mística, Educação do Campo e MST. Foram realizadas leituras e fichamentos destes estudos no sentido de compreender a origem da mística, a mística no contexto dos movimentos sociais e a mística no contexto da Educação do Campo. Os principais autores que fundamentaram esta parte do trabalho foram: Boff (2001); Coelho (2014); Figueiredo e Silva (2021); Piatti; Silva (2021); Bogo (2012); Sousa (2015); entre outros.

Após esse momento de levantamento do referencial bibliográfico foi elaborado um roteiro de entrevistas com questões referentes a experiência da mística durante o processo formativo. Até o momento foram realizadas duas entrevistas, sendo uma com uma estudante egressa de um curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFMA e um estudante egresso do Centro de Formação por Alternância (CEFFA) - Manoel Monteiro localizado no município de Lago do Junco – MA. Serão realizadas ainda quatro entrevistas, sendo duas com estudantes egressos de Escolas Famílias Agrícolas e mais duas com estudantes egressos dos cursos de licenciatura em Educação do Campo. Dos total de seis entrevistados, a proposta é que três entrevistados(as) sejam do estado do Maranhão e três do estado de Minas Gerais, possibilitando a representatividade de duas regiões diversas do país, porém tendo em comum a experiência da mística no contexto formativo da Educação do Campo⁵.

As duas entrevistas realizadas foram transcritas e analisadas, sendo possível destacar alguns resultados parciais para a escrita deste trabalho.

⁵ A escolha por selecionar estudantes dos estados do Maranhão e de Minas Gerais é devido à atuação docente, de uma das autoras deste artigo (Alexandra Resende Campos), nas duas localidades.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender a mística como um recurso educativo e sua importância no processo formativo da Educação do Campo, inicialmente realizamos o levantamento e análise de estudos que nos permitissem entender a origem da mística, a mística no contexto do MST e a mística na Educação do Campo. Posteriormente estudamos e analisamos alguns estudos que tratam da proposta da Educação do Campo para, posteriormente, relacionar o sentido da mística no contexto educativo da Educação do Campo, seus sentidos e significados.

De acordo com Bogo (2012) a mística, no estudo das religiões, está vinculada ao termo mistério, vinculado as vivências e experiências espirituais. Desde a idade média ela se faz presente nas diversas manifestações de cunho religioso, pode ser vista como uma forma de ligação com o divino e com o sagrado, sendo também uma possibilidade diversa de manifestação da fé. Para Marschner (2008, p.06) na Idade Média a concepção mística pode ser relacionada a indagação do sentidos “cuja fonte encontra-se no coração. Lá aonde nossa razão esgotou o argumento pode começar o mistério e abre-se o espaço para a experiência mística”.

Em primeiro lugar podemos relacionar mística com uma forma de conhecimento. Assim sendo podemos buscar suas origens na filosofia clássica. Etimologicamente a palavra mística vem do grego *múein*, mistério, que significa “perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou intenção”. Mística está assim ligada ao campo da experiência. (Boff, 2001) (MARSCHNER, 2008, p. 05).

Almeida (2005) aponta a complexidade de analisar a mística como uma categoria. O autor aponta que a mística não é universal, podendo ser fenômenos linguísticos, particulares relacionados a contextos históricos e religiosos. Neste sentido, a mística deve ser tratada no plural – místicas, não há como definir a mística no singular. De Almeida (2005, p. 23) destaca que “os sujeitos que a praticam afirmam que é algo que não se explica, a única forma de saber o que ela é realmente é sentindo-a, vivendo-a”.

Já se tratando da mística na atualidade, Bogo (2012) aponta que existem três possibilidades de manifestações místicas: nas religiões; nas ciências políticas e nos movimentos populares. Nas religiões ela se manifesta como uma possibilidade de reprodução das crenças, de ir além das experiências concretas, de ligar o mundo físico com o mundo espiritual. Nas ciências políticas ela se faz presente nas dinâmicas das relações



sociais, na compreensão das subjetividades, das particularidades individuais ligadas ao mundo social. Já nos movimentos populares as experiências místicas se manifestam em linguagens e atitudes verbais e não verbais, se revelam como “expressões da cultura, da arte e dos valores como parte constitutiva da experiência edificada na luta pela transformação da realidade social, indo em direção ao topo, a parte realizável da utopia” (BOGO, 2012, p.476).

A mística para o MST se tornou uma prática de representação, identificação e força para um propósito relacionado às suas raízes, a sua história de vida, as lutas pessoais. A mística no MST tem forte influência da Teoria da Libertação. Inicialmente ela se manifestava, no contexto das ocupações e acampamentos, como uma prática de ligação com a espiritualidade, para renovar as energias e alma dos trabalhadores e das trabalhadoras. Aos poucos a prática da mística no MST foi ganhando contornos políticos, sendo um espaço para refletir sobre o contexto social, econômico e político, atrelado as diversas linguagens artísticas, culturais e poéticas. A mística torna-se vida e é incorporada no cotidiano, estando sempre atrelada a uma idéia de transformação da realidade.

Nas lutas sociais existem momentos de repressão que parecem o fim de tudo. Mas aos poucos, como se uma energia misteriosa tocasse cada um, lentamente as coisas vão se colocando novamente e a luta recomeça com maior força. Esta energia que nos anima para seguir em frente é o que chamamos de “mistério” ou de “mística”. Sempre que algo se move em direção a um ser humano para torná-lo mais humano aí está se manifestando a mística (BOGO, 1999, p.127)

A mística para o MST se tornou uma prática de representação, identificação e força para um propósito relacionado às suas raízes, a sua história de vida, as lutas pessoais e do coletivo. O movimento cria uma pedagogia própria da mística, desvinculando seu caráter religioso e abrindo espaço para os posicionamentos das suas lutas, reivindicações, denunciando as contradições do sistema capitalista.

Tendo como uma das suas bandeiras o direito a uma educação contra hegemônica, que atenda de fato as necessidades dos povos do campo, a mística se manifesta como um dos pilares educativos nas experiências pedagógicas da Educação do Campo.

A perspectiva da Educação do Campo é de proporcionar e potencializar todas as capacidades formativas do ser humano, ou seja, uma formação em todos os sentidos e dimensões. Para Frigotto (2012, p.267), “essas dimensões envolvem sua vida corpórea material e seu desenvolvimento intelectual, cultural, educacional, psicossocial, afetivo, estético e lúdico. (...) abrange a educação e a emancipação de todos os sentidos humanos”.

É neste sentido e contexto que a mística se revela com grande potencial educativo no contexto da Educação do Campo, pois os processos educativos são pensados de uma forma ampla. Ao utilizar a mística para dialogar com a realidade social, com os sentidos de ser e estar no mundo, em meio a todo o processo de luta política por educação e por reforma agrária, as experiências místicas permite o protagonismo e a emancipação dos/das estudantes, além de valorizar as diversidades sociais e culturais dos povos do campo. A mística nos contextos formativos da Educação do Campo revela que o processo educativo ultrapassa o espaço da sala de aula e das escolas. Ele está presente nos símbolos, nas histórias, nas trajetórias de vida, na poesia, na música e em todos os processos educativos e formativos propiciados pela mística.

[...] Na vida a gente se depara com todas as situações, que muitas das vezes a gente não para pra refletir, e quando se vivencia a mística, a gente vê tantos detalhes que na nossa rotina diária, seja em casa, seja no trabalho, a gente não consegue perceber, por mais que a gente já tenha uma formação política um pouco trabalhada, mas muitas coisas, ainda falham na nossa interpretação, especialmente no que diz respeito ao que se fala. A mística possibilita isso, ver a sua realidade no seu interior e expressar essa realidade através da fala (SOUZA, 2015, p. 55)⁶

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das duas entrevistas realizadas, é possível apresentar parcialmente alguns resultados e análises. Uma das entrevistas foi realizada com Ester⁷ - 30 anos, estudante egressa do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFMA. O contato de Ester com a Educação do Campo e com a mística ocorreu durante toda sua trajetória escolar, uma vez que ela cursou os anos finais do ensino fundamental em uma Escola Família Agrícola e o ensino médio em um Centro de Formação por Alternância (CEFFA). Atualmente ela é monitora na Escola Família Agrícola (EFA) Antonio Fontenele, localizada na comunidade rural Alto da Paz, município de Lago do Junco – MA.

O outro entrevistado é Mateus – 21 anos estudante egresso do CEFFA Manuel Monteiro, localizado na comunidade Pau Santo, em Lago do Junco – MA. Atualmente Mateus cursa enfermagem na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

⁶ Trecho de entrevista realizada com um estudante do curso de Pedagogia da Terra da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) em trabalho de conclusão de curso sobre a mística de autoria de Raimundo Nonato Gomes de Sousa.

⁷ Os nomes dos(as) entrevistados(as) são fictícios.



O contato de Ester com a mística inicialmente ocorreu através do envolvimento dos seus familiares na luta por políticas públicas, dentre elas o acesso a educação. Para Ester a mística é algo bastante presente em sua trajetória educativa, sendo vivenciada nos diferentes espaços formativos que estudou (nível fundamental, médio e superior). Além disso, atualmente Ester participa e vivencia as místicas realizadas na EFA que atua como monitora. Já o contato de Antônio foi basicamente durante seu processo formativo no ensino médio.

Ester e Antônio apontam que a mística possibilitou momentos de reflexões pessoais e de cunho social, contribuindo diretamente para a formação individual e profissional de cada um.

Ester: Considero um momento de extrema importância nesta trajetória formativa, desempenhando um papel significativo em minha construção pessoal e profissional. Tanto os momentos de preparação quanto os de vivência, proporcionam experiências enriquecedoras no âmbito educacional, político e social, contribuindo de maneira substancial para o meu desenvolvimento integral.

Mateus: Eu avalio que tal experiência serviu como um fator importante do meu processo formativo, pois me proporcionou momentos diários que contribuíram tanto para a formação como indivíduo como profissional, pois despertava o senso crítico, que é fundamental no processo de ensino e aprendizagem e na construção de saberes de forma geral.

Nas duas entrevistas também foi destacado o envolvimento de todos(as) estudantes no processo de preparação das místicas e também as interações entre toda a equipe escolar ao vivenciarem uma mística.

Mateus: Todas manhãs eram organizados anfitriões que organizavam a mística de forma que os alunos ficavam dispostos em forma de círculo... era seguido de participação ativa de todos envolvidos em que cada um tinha a oportunidade de expor sua opinião sobre determinado assunto.

A mística também foi destacada pelos entrevistados como uma possibilidade educativa de ampliar os conhecimentos e compartilhar saberes. Ester ressalta que a mística “representa a manifestação de entusiasmo, esforço, contemplação e recordação de momentos compartilhados”. Mateus menciona a importância da mística como um recurso pedagógico que contribui para os processos educativos.

Mateus: A mística pode ser considerada importante nos espaços educativos e de militâncias por vários motivos. Primeiramente porque ela pode ajudar a criar um ambiente de aprendizagem envolvente, que os estudantes se conectam ou conhecem o material de aprendizagem a um nível mais aprofundado,



contribuindo na formação de identidade e na construção da comunidade, promovendo o fortalecimento das relações entre os educadores e educandos, além de também, pode nos ajudar a questionar as relações sociais entre as pessoas, permitindo a busca por mudanças na forma como a sociedade se relaciona.

Para Ester a mística “é um momento de animação, memória e reflexão na luta”. Mateus resume o momento da mística como “uma atividade pedagógica que visa desenvolver o autoconhecimento do indivíduo e uma promoção do senso crítico”.

Embora a pesquisa esteja em fase de desenvolvimento, as duas entrevistas demonstram aspectos em comum, deixando em evidencia a importância da mística para a formação integral dos/as estudantes, possibilitando momentos de reflexão do meio social, individual, além de contribuir diretamente para um processo educativo dialógico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Movimento Nacional por uma Educação do Campo, desde o final da década de 1990, vem ampliando seus espaços formativos de educação formal e não-formal. Temos muitas experiências educativas exitosas, que vão desde a Educação Básica até a Pós-Graduação. Em todos estes contextos educativos, a mística se faz presente como um momento pedagógico e como fonte inspiradora para que educadores (as), militantes, estudantes e trabalhadores (as) possam dialogar com suas realidades, suas culturas e seus saberes, rompendo com uma visão hegemônica de educação.

Espera-se que essa pesquisa possa contribuir para compartilhar e fortalecer as práticas educativas desenvolvidas no âmbito das Escolas do Campo e do MST, dando visibilidade para essas experiências na criação de políticas públicas associadas a Educação do Campo.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. Alimentar nossa mística. **IN: MST-Movimento dos Tra**, 1998.

BOGO, Ademar. Mística. In: Caldart; Roseli Salet; et al. (orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 475-479.

BOGO, Ademar. Lições da luta pela terra. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

COELHO, Fabiano. **A alma do MST? A prática da mística e a luta pela terra**. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2014.



DE ALMEIDA, Antônio Alves. A mística na luta pela terra. **Revista Nera**, n. 7, p. 22-34, 2012

FIGUEIREDO, Allan Diêgo Rodrigues; SILVA, André Gustavo Ferreira da. A educação e a mística no/do MST: percurso ético-político-educativo na construção de saberes e de um povo político emancipado. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-19, 2021.

FRIGOTTO, G. Educação Omnilateral. In: CALDART, R. S. et al. (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012, pp. 267-274.

MARSCHNER, Walter. A mística da terra e a educação popular. In: **IX Congreso Argentino de Antropología Social. Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales**. 2008. p. 000-080. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-080/158.pdf> Acesso em agosto de 2023.

PIATTI, C. B.; SILVA, J. S. DA. A mística na Licenciatura em Educação do Campo. **Imagens da Educação**, v. 11, n. 1, p. 179-197, 24 fev. 2021

SOUSA, Raimundo Nonato Gomes de. **A mística para além dos movimentos sociais**: um olhar sobre o pensar dos estudantes de um curso superior. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Curso de Pedagogia da Terra. Universidade Federal do Maranhão. Bacabal, p. 65, 2015.